

FICHA TÉCNICA

Título original: *Kırmızı Saçlı Kadın*

Autor: *Orhan Pamuk*

Copyright © 2016, Orhan Pamuk

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *António Sousa Ribeiro*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa © Chris Reeve/Trevillion Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, maio, 2018

Depósito legal n.º 439 671/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O meu desejo era ser escritor. Mas, depois dos acontecimentos que vou narrar, estudei engenharia geológica e tornei-me empreiteiro da construção civil. Mesmo assim, o facto de eu estar a contar a história agora não deveria levar os leitores a pensar que ela acabou, que pus tudo para trás das costas. Quanto mais recordo, mais fundo caio dentro dela. Talvez vós me sigais também, atraídos pelo enigma de pais e filhos.

Em 1984, vivíamos num pequeno apartamento no coração de Beşiktaş, perto do İhlamur, um palácio otomano do século XIX. O meu pai tinha uma pequena farmácia chamada Hayat, o que significa «Vida». Uma vez por semana, ficava aberta a noite inteira e o meu pai fazia o turno da noite. Nessas noites, eu trazia-lhe o jantar. Gostava de estar por lá, a respirar os odores medicinais, enquanto o meu pai, um homem alto, franzino, bonito, comia a sua refeição ao pé da caixa registadora. Passaram quase trinta anos, mas mesmo aos quarenta e cinco anos de idade ainda adoro o cheiro daquelas farmácias velhas revestidas de gavetas e armários de madeira.

A Farmácia Vida não tinha muito movimento. A distração do meu pai de noite era um daqueles pequenos aparelhos de televisão portáteis tão populares naquela altura. Às vezes, os seus amigos de esquerda passavam por lá e, quando eu chegava, encontrava-os a falar em voz baixa. Mudavam sempre de assunto ao ver-me, observando que eu era tão bonito e encantador como ele, perguntando em que ano é que andava, se gostava da escola, o que é que queria ser quando fosse grande.

O meu pai ficava manifestamente incomodado quando eu deparava com os seus amigos da política, por isso, eu nunca ficava demasiado tempo quando eles apareciam. Aproveitava a primeira oportunidade para pegar na marmita do jantar dele vazia e para voltar para casa sob os plátanos e as luzes mortiças da rua. Aprendi a nunca dizer à minha mãe que vira na loja os amigos esquerdistas do pai. Isso só ia fazê-la irritar-se com eles todos e ficar preocupada com a ideia de o meu pai estar a meter-se em sarilhos e prestes a desaparecer mais uma vez.

Mas as discussões entre os meus pais não eram todas sobre política. Passavam longos períodos sem praticamente trocarem uma palavra. Talvez não se amassem. Eu suspeitava de que o meu pai se sentia atraído por outras mulheres e que muitas outras mulheres se sentiam atraídas por ele. Por vezes, a minha mãe aludia abertamente à existência de uma amante, de modo que até eu compreendia. As brigas dos meus pais eram tão perturbadoras que eu me esforçava por não me lembrar delas nem pensar nelas.

A última vez que trouxe o jantar ao meu pai na farmácia foi num normal fim de tarde de outono. Acabara de começar a escola secundária. Encontrei-o a ver as notícias na televisão. Enquanto ele comia ao balcão, atendi um cliente que queria aspirina e um outro que comprou comprimidos de vitamina C e antibióticos. Pus o dinheiro na caixa antiquada, cuja gaveta se fechava com um agradável som tilintante. Depois de ele comer, ao sair, olhei uma última vez por detrás do ombro para o meu pai; ele sorriu e acenou-me, parado à entrada.

Não voltou para casa na manhã seguinte. Quando voltei da escola naquela tarde, a minha mãe disse-me isso, de olhos ainda inchados de chorar. O meu pai teria sido apanhado na farmácia e levado para o Departamento de Assuntos Políticos? Ali iam torturá-lo com bastonadas nos pés e choques elétricos. Não teria sido a primeira vez.

Anos atrás, os soldados tinham vindo pela primeira vez à procura dele na noite a seguir ao golpe militar. A minha mãe ficou destroçada. Disse-me que o meu pai era um herói, que eu devia ter orgulho nele; e, até ele ser libertado, ficou com os turnos da

noite, junto com o ajudante dele, Macit. Às vezes, eu próprio usava a bata branca de Macit — embora, na altura, eu planeasse, evidentemente, ser cientista quando fosse grande, como o meu pai quisera, não um qualquer ajudante de farmácia.

Quando o meu pai desapareceu de novo sete ou oito anos depois disso, foi diferente. Uma vez regressado, ao fim de quase dois anos, a minha mãe parecia não se importar que ele tivesse sido levado, interrogado e torturado. Estava furiosa com ele. «De que é que estava à espera?», dizia.

Assim, também, depois do desaparecimento final do meu pai, a minha mãe parecia resignada, não fez alusão a Macit ou ao que iria acontecer com a farmácia. Foi isso que me fez pensar que o meu pai não desaparecia sempre pela mesma razão. Mas, afinal, o que é esta coisa a que chamamos pensar?

Por essa altura, eu já aprendera que os pensamentos vêm ter connosco umas vezes em palavras e outras vezes em imagens. Havia alguns pensamentos — como a memória de correr debaixo de uma chuva torrencial e a sensação que se tinha — que eu não conseguia minimamente pôr em palavras... Não obstante, a imagem deles era clara no meu espírito. E havia outras coisas que eu podia descrever em palavras, mas que, pelo contrário, eram impossíveis de visualizar: luz negra, a morte da minha mãe, a infinitude.

Talvez eu fosse ainda uma criança e, assim, capaz de afastar pensamentos indesejados. Mas, por vezes, era ao contrário e eu encontrava-me com uma imagem ou uma palavra que não conseguia tirar da cabeça.

O meu pai não nos contactou durante muito tempo. Havia momentos em que não conseguia recordar-me do aspeto dele. Tinha a sensação de que as luzes se tinham apagado e tudo o que havia à minha volta desaparecera. Uma noite, fui sozinho ao Palácio Ihlamur. A Farmácia Vida estava trancada com um pesado cadeado preto, como se estivesse fechada para sempre. Havia neblina a sair dos jardins do palácio.

Algum tempo depois, a minha mãe disse-me que nem o dinheiro do meu pai nem a farmácia eram suficientes para nos sustentarmos. As únicas despesas que eu tinha eram bilhetes de

cinema, sanduíches de *kebab* e livros de banda desenhada. Costumava ir a pé para a Escola Secundária de Kabataş e regressar a pé. Tinha amigos que negociavam com livros de banda desenhada para venda ou empréstimo. Mas não queria passar os meus fins de semana como eles, pacientemente à espera de clientes nas ruas laterais e junto às portas traseiras de cinemas em Beşiktaş.

Passei o verão de 1985 a trabalhar numa livraria chamada Deniz na principal rua comercial de Beşiktaş. A minha tarefa consistia principalmente em expulsar presumíveis gatunos, a maioria dos quais eram estudantes da universidade. De vez em quando, o senhor Deniz ia comigo de carro a Çağaloğlu para repor o seu *stock*. O patrão começou a gostar cada vez mais de mim: reparou que eu me lembrava de todos os nomes de autores e editores e deixava-me levar os seus livros emprestados para ler em casa. Li muito nesse verão: livros para crianças, a *Viagem ao Centro da Terra*, de Júlio Verne, as histórias de Edgar Allan Poe, livros de poesia, romances históricos sobre as aventuras de guerreiros otomanos e um livro sobre sonhos. Uma passagem deste livro iria mudar a minha vida para sempre.

Quando os amigos escritores do senhor Deniz passavam pela loja, o patrão começou a apresentar-me como um aspirante a escritor. Eu começara então a acalentar este sonho e confessei-lho levianamente num momento de descuido. Sob a sua influência, depressa comecei a levar o sonho a sério.

Um dia, depois da escola, levado por um qualquer instinto ao guarda-vestidos e às gavetas do quarto de dormir dos meus pais, descobri que as camisas do meu pai e todos os seus outros pertences tinham desaparecido. Só o seu cheiro a tabaco e água-de-colónia persistia ainda no quarto. A minha mãe e eu nunca falávamos dele e a sua imagem estava já a desvanecer-se do meu espírito.

A minha mãe e eu estávamos a ficar rapidamente amigos, embora isso não a impedisse de tratar a minha decisão de vir a ser escritor como uma brincadeira. Primeiro, tinha de assegurar que era admitido numa boa universidade. Para me preparar para os exames de admissão, tinha de ganhar dinheiro que chegasse para explicações, mas a minha mãe não estava satisfeita com o que o livreiro me estava a pagar. No verão a seguir a eu ter completado o meu segundo ano da escola secundária, mudámo-nos de Istambul para Gebze. A ideia era irmos morar com a minha tia materna e o marido em Gebze, vivendo como hóspedes na extensão da casa que eles tinham construído no jardim. O marido da minha tia ia dar-me emprego e, pelos meus cálculos, se passasse ali a primeira metade do verão, em finais de julho podia voltar a trabalhar na Livraria Deniz em Beşiktaş ao mesmo tempo que frequentava as explicações. O senhor Deniz sabia como eu estava triste por já não morar em Beşiktaş; disse que eu podia passar a noite na livraria sempre que quisesse.

O marido da minha tia tinha-me destinado a função de guardar o seu pomar de cerejeiras e pereiras nos arredores de Gebze. Quando vi o meu lugar de trabalho, uma mesa periclitante num

pavilhão aberto, pensei que ia ter muito tempo para estar ali sentado a ler. Mas estava enganado. Era a altura das cerejas: bandos de corvos estridentes e atrevidos pululavam sobre as árvores, e grupos de miúdos e os pedreiros do terreno ao lado estavam constantemente a tentar roubar o produto.

No jardim ao lado do pomar, estavam a escavar um poço. Às vezes, ia até lá ver o homem que escavava o poço a trabalhar com pá e picareta enquanto dois aprendizes carregavam e levavam a terra que o mestre escavara.

Os aprendizes davam às duas manivelas ligadas a um guincho de madeira, que rangia agradavelmente enquanto eles içavam baldes de terra e os despejavam num carro de mão. O mais jovem, que era mais ou menos da minha idade, afastava-se para descarregar o carro, enquanto o aprendiz mais velho, mais alto, gritava: «Aí vai!», mandando o balde de novo lá para baixo para o escavador do poço.

Durante o dia, o escavador raramente aparecia. A primeira vez que o vi, estava no intervalo para o almoço a fumar um cigarro. Era alto, franzino e bonito como o meu pai. Mas, diferentemente do meu pai, naturalmente calmo e bem-disposto, o escavador era irascível. Ralhava frequentemente com os aprendizes. Eu pensava que eles se calhar iam ficar embaraçados por serem vistos a levar um raspanete, de maneira que, quando o mestre estava cá fora, evitava aproximar-me do poço.

Um dia, em meados de junho, ouvi o som de gritos de alegria e de tiros a virem da direção deles e fui dar uma espreitadela. Tinha jorrado água do poço e, ao ouvir a boa notícia, o proprietário do terreno, um homem de Rize, viera para festejar, disparando alegremente a espingarda para o ar. Havia no ambiente um aroma sedutor a pólvora. Como era costume, o proprietário distribuiu gorjetas e presentes pelo escavador e os aprendizes. O poço ia permitir-lhe efetivar os vários projetos de construção que planeara para o seu terreno; a rede de distribuição de água da cidade ainda não chegara aos subúrbios de Gebze.

Não ouvi o mestre a berrar com os seus aprendizes nos dias que se seguiram. Uma tarde, chegaram sacos de cimento e algumas barras de ferro numa carroça de cavalos e o mestre escavador pôs-se a

revestir o poço a betão antes de o cobrir com uma tampa de metal. Passei muito mais tempo com este grupo agora que estavam tão bem-dispostos.

Um dia, fui até ao poço pensando que lá não estivesse ninguém. O mestre Mahmut apareceu por entre as cerejeiras e as oliveiras trazendo nas mãos uma peça do motor elétrico que instalara para dar energia à bomba.

«Parece que estás curioso a respeito deste trabalho, ó jovem!»

Vieram-me à cabeça aquelas pessoas do romance de Júlio Verne que entravam terra dentro numa ponta do mundo e saíam pelo outro lado.

«Vou escavar outro poço nos arrabaldes de Küçükçekmece. Estes dois rapazes vão deixar de trabalhar comigo. Queres que te leve em vez deles?»

Vendo que eu estava hesitante, explicou que, se trabalhasse bem, um aprendiz de escavador podia ganhar quatro vezes mais do que um guarda de pomar. Acabávamos o trabalho em dez dias e eu voltava para casa num instante.

«Jamais vou consentir nisso!», disse a minha mãe quando voltei para casa nesse fim de tarde. «Não vais ser escavador de poços. Vais para a universidade.»

Mas, por essa altura, já a ideia de ganhar dinheiro rápido se enraizara no meu espírito. Não parava de dizer à minha mãe que podia ganhar em duas semanas o que ganharia no pomar do marido da minha tia em dois meses, deixando-me tempo de sobra para me preparar para os exames, frequentar as explicações e ler todos os livros que quisesse ler. Cheguei a ameaçar a minha pobre mãe:

«Se não me deixares ir, fujo», disse eu.

«Se o rapaz quer trabalhar no duro e ganhar o seu próprio dinheiro, não o desencorajes», disse o marido da minha tia. «Deixa-me perguntar por aí e descobrir quem é este escavador de poços.»

O marido da minha tia, que era advogado, organizou um encontro no seu escritório da câmara municipal com a minha mãe e o escavador de poços. Na minha ausência, os três concordaram em que haveria um segundo aprendiz para descer ao poço, de maneira a eu não ter de fazer isso. O marido da minha tia informou-me da

jorna que iria receber. Pus na velha maleta do meu pai algumas camisas e o par de sapatos de sola de borracha que usava na aula de ginástica.

No dia da minha partida, estava a chover e parecia que nunca mais chegava o momento de apanhar a camioneta que ia levar-me para o trabalho. A minha mãe pôs-se várias vezes a chorar enquanto esperávamos na nossa casa de hóspedes de um quarto só com o telhado que deixava passar água. Porque é que eu não mudava de opinião? Ela ia ter imensas saudades minhas. É verdade, agora éramos pobres, mas não era preciso ter chegado a este ponto.

Apertando a maleta e afetando a mesma expressão de desafio que vira na cara do meu pai quando foi a julgamento, saí da casa, dizendo em tom de gozo: «Não te preocupes, não irei nunca descer ao poço.»

A camioneta estava à espera no terreno vago por detrás da velha mesquita imponente. O mestre Mahmut, de cigarro na mão, viu-me aproximar-me com um sorriso, avaliando a roupa que trazia vestida, a minha maneira de andar e a minha maleta, como um professor da escola primária.

«Entra, temos de ir andando», disse ele. Sentei-me entre ele e o motorista mandado por Hayri Bei, o homem de negócios que tinha adjudicado o poço. Rodámos uma hora em silêncio.

Ao cruzarmos a Ponte do Bósforo, olhei para a minha esquerda para Istambul, na direção da Escola Secundária de Kabataş, para ver se conseguia reconhecer alguns edifícios em Beşiktaş.

«Não te preocupes, não vai levar muito tempo», disse o mestre Mahmut. «Vais estar de volta a tempo das tuas explicações.»

Fiquei contente por a minha mãe e o marido da minha tia o terem já posto a par das minhas preocupações; deu-me a sensação de que podia confiar nele. Uma vez passada a ponte, ficámos presos num dos engarrafamentos de trânsito de Istambul, de maneira que, quando saímos da cidade, o Sol estava já a pôr-se, cegando-nos com os seus raios intensos.

Digo que estávamos a sair da cidade, mas não gostaria que isto confundisse os meus leitores. Naqueles dias, a população de Istambul não eram quinze milhões, como hoje, mas cinco. Mal se passava

as velhas muralhas da cidade, as casas começavam a ser menos, a ser mais pequenas e mais pobres, e a paisagem estava pontilhada de fábricas, estações de serviço e um ou outro hotel.

Seguimos os carris do comboio durante um bocado, desviando-nos ao cair da noite. Já tínhamos passado o lago Büyükkçekmece. Vi alguns ciprestes, cemitérios, muros de betão, extensões de terreno vazias... Mas a maior parte do tempo não conseguia ver absolutamente nada e, por mais que me esforçasse, não pude perceber onde é que estávamos. Víamos o brilho cor de laranja vindo das janelas de famílias que estavam a sentar-se à mesa para jantar e víamos fábricas iluminadas a néon. Subimos uma colina. Havia relâmpagos à distância, incendiando o céu, mas nada parecia iluminar as terras solitárias por que estávamos a passar. Por vezes, uma luz misteriosa revelava porções infindáveis de terra abandonada, terra nua, desabitada, mas, num instante, perdia tudo isso de vista outra vez na escuridão.

Finalmente, parámos algures naquele vazio. Não conseguia ver luz, nem candeeiros, nem casa, de modo que pensei que talvez a velha camioneta tivesse tido uma avaria.

«Dá-me uma ajuda, vamos descarregar isto», disse o mestre Mahmut.

Havia blocos de madeira, os componentes de um guincho, tachos e painéis, ferramentas e equipamento enfiados em toscos sacos de plástico, e dois colchões atados com corda. O motorista foi-se embora, dizendo «Boa sorte e Deus esteja convosco», e, quando percebi como era profunda a escuridão que nos rodeava, fiquei nervoso. Havia outra vez relâmpagos muito longe, mas o céu nas nossas costas estava claro e as estrelas brilhavam com todo o seu fulgor. Ainda mais longe, conseguia distinguir as luzes de Istambul a refletirem as nuvens como um nevoeiro amarelo.

O chão ainda estava húmido da chuva e havia aqui e ali trechos molhados. Explorámos aquela extensão plana à procura de um lugar seco e trouxemos para ali os nossos pertences.

O mestre Mahmut começou a armar a nossa tenda com as estacas de madeira. Mas não conseguia. As cordas que era preciso puxar e as pequenas cavilhas que era preciso enfiar na terra tinham-se

perdido todas no meio da noite e um temor escuro enrolara-se à volta da minha alma. «Puxa aqui, não ali», gritava o mestre Mahmut às cegas.

Ouvimos um mocho a piar. Pus-me a pensar se seria necessário pôr a tenda de pé, uma vez que a chuva parara, mas respeitei a determinação do mestre Mahmut. O tecido pesado, a cheirar a mofo, não se aguentava no lugar, mas enrolava-se constantemente à volta de si próprio e de nós, tal como a noite.

Quando conseguimos erguer a tenda e desenrolar os nossos colchões, já passava há muito da meia-noite. As nuvens de chuva estivais deram lugar a uma noite radiosa iluminada pelas estrelas. O canto de um grilo ali ao pé trouxe-me alívio. Deitei-me num dos colchões e adormeci imediatamente.